

Mídias sociais e apoio psicossocial à pessoas vivendo com HIV/Aids

Rafael Garcia Vasconcelos

Luciane Stochero

Claudia Carneiro da Cunha

Desde a descoberta do HIV/Aids na década de 1980 e suas transformações no tratamento e prevenção, a propagação de importantes informações encontra barreiras tanto pelo estigma quanto pelo desinvestimento de políticas públicas. Nossa pesquisa etnográfica mostra que esta função acaba por ser desempenhada principalmente pelas já sobrecarregadas redes de apoio entre pares, distante dos terrenos do SUS. Tendo a comunicação como ferramenta fundamental para promover a conscientização sobre o HIV/Aids e sua consequente melhora no acesso e adesão ao tratamento, observamos a partir de entrevistas com 5 adultos e 10 jovens vivendo com HIV/Aids (JVHA) ativistas no Rio de Janeiro, em 2022, que as mídias sociais são o primeiro refúgio para quem recebe o diagnóstico de soropositividade para o HIV, além de operarem como dispositivos de suporte psicossocial. Nesse sentido, faz-se importante mapear quais são essas redes de apoio, sua linguagem e como elas ajudam a integralizar o atendimento, principalmente, de populações mais vulnerabilizadas. Assim, buscamos discutir sobre os principais meios de suporte e informação dentro de plataformas como Instagram, Facebook e Youtube, além das linguagens utilizadas pelos influenciadores para, em um segundo momento, divulgar os principais conteúdos e canais informativos de cada plataforma no site Observatório Gentes, que estamos criando. Valendo-se da tecnologia de geolocalização, visamos divulgar as principais redes de apoio de cada região, sejam elas presenciais ou virtuais. Conhecer a linguagem e estimular os espaços dessas redes é um passo fundamental em direção à equidade e integralidade no atendimento aos JVHA nas mais diversas regiões do estado.

Palavras chave: HIV/AIDS, mídias sociais, redes de apoio

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.